

O aniversário de J. Carlos

Isabel Lustosa

POUCOS ARTISTAS BRASILEIROS TÊM SUA OBRA TÃO bem preservada quanto J. Carlos. De tempos em tempos uma mostra ou uma publicação recupera a arte deste que foi o maior caricaturista e ilustrador brasileiro de todos os tempos e que comemora em 18 de junho, 110 anos de nascimento.

Cabe destacar a dedicação de seus filhos à permanência do artista na memória da cultura nacional. A maior parte do que restou de seus originais está reunida em Petrópolis, na casa de Eduardo de Brito e Cunha, seu terceiro filho. São desenhos a nanquim e aguadas em guache que ilustraram capas e miolos de revistas como Careta, Para Todos, Tico-Tico, Fonfon, O Malho, O Cruzeiro e muitas outras para as quais eventualmente trabalhou. Estão lá bem guardados, protegidos da umidade, permanentemente sendo revistos. Tudo isto que dá trabalho e implica em despesas é mantido unicamente às custas da aposentadoria do Banco do Brasil de seu Eduardo.

Na sua linda casa, típica construção petropolitana do começo do século, o destaque é para os tantos originais de J. Carlos que enfeitam as paredes, para o jardim bem cuidado, os peixes coloridos nos aquários e a infinita boa vontade dos donos da casa para com todos aqueles que tem curiosidade sobre a obra de J. Carlos.

E, em qualquer das casas dos quatro filhos vivos de J. Carlos, o que se vê é esta permanente devoção à memória do pai e do artista. Moram os outros três na Rua J. Carlos, no Jardim Botânico. Que foi assim denominada porque ali, em 1924 o artista construiu a casa em que viveria até morrer, em 2 de outubro de 1950. É o filho mais velho, o advogado Luiz Carlos de Brito e Cunha que responde pelos demais herdeiros quanto se trata de falar sobre o pai,

ou sobre sua obra. Se Eduardo é o que tem a maior coleção de originais, Luiz Carlos é quem centraliza as informações. E os outros não fazem nada sem ele.

Surpreende ver a união destes irmãos Brito e Cunha. União que representa a continuação de família que teve J. Carlos. Artista diferente dos de seu tempo, avesso à vida boêmia, J. Carlos dedicava à mulher e aos filhos todo o seu tempo livre. Este lado menos conhecido do artista é revelado no álbum em cuja capa ele escreveu com sua letra maravilhosa, "Nossa Casa". Ali, reuniu as fotos da construção de sua casa. Em envelopes de desenho arrojado guardou as promissórias pagas e, num pequeno caderno, anotou uma memória para os filhos que é a síntese mais perfeita da moderação e do bom senso.

No texto de abertura ele afirma querer demonstrar aos filhos que com trabalho e economia, juntando pequenas quantias, em dez anos se pode construir uma casa. Como ele mesmo anotou ali: sobre a ponta frágil do lápis de J. Carlos, ergueu-se não só a sua casa, mas também toda a vida de seus filhos bem formados. Guardam eles ainda os desenhos com que o pai decorava o seu quarto de criança. E Lourdes, a caçula, tinha até bem pouco tempo a carruagem da Bela Adormecida, um dos elementos da decoração de contos de fada que seu pai fez para a sua festa de aniversário mais bonita.

O homem sisudo, pouco dado a conversação, que foi o autor das imagens mais alegres da cena carioca, apresenta para o que se debruça sobre a sua personalidade facetas realmente curiosas. Uma delas é a de sua passagem pelo teatro de revista.

Foi o único autor, no sentido mais amplo da palavra, da comédia musical "Do outro mundo", estrelada por Aracy Cortes e Mesquitinha, em 1930. As poucas fotos que restaram da montagem revelam aspectos dos cenários e figurinos geniais. O texto é todo de J. Carlos e uma das curiosidades é o lançamento da primeira versão de "No Rancho Fundo" de Ary Barroso, que assinava as músicas da peça, com letra de J. Carlos.

Outro aspecto pouco conhecido de seu talento múltiplo é o livro Minha Babá, cujos textos revelam um excelente autor de histórias infantis. Talento que J. Carlos teve a oportunidade de desenvolver nos tantos anos em que trabalhou na revista Tico-Tico. Ali, além dos

desenhos primorosos, assinava as legendas em versos que muitas vezes os acompanhavam. Este aspecto da produção do caricaturista merece realce. Foram sempre de J. Carlos os textos que acompanhavam suas caricaturas.

O acervo J. Carlos foi recentemente visitado pelo presidente da Wolfsonian Foundation, Mr. Mitchell Wolfson Jr. Este, maravilhado com a qualidade do trabalho de J. Carlos, indagou sobre a existência no Brasil de um Museu da Caricatura, onde mereciam estar trabalhos como aqueles. Mr. Wolfson ficou sem uma resposta satisfatória à sua questão. A preservação deste aspecto tão importante da nossa memória cultural continua a ser matéria de responsabilidade exclusiva dos herdeiros. No caso de J. Carlos, felizmente, estes tiveram condições de conservar muita coisa do que ele produziu.

Mas onde foram parar os originais de Kalixto, Raul, Théo, Luiz Peixoto, Oswaldo, Seth e, mesmo os do recentemente desaparecido Alvarus? Este, sem dúvida, é um bom tema para se pensar no aniversário do caricaturista maior: J. Carlos.